



*Arqueologia Científica =
Salvaguarda,
Preservação, Divulgação*



www.cta.ipt.pt

N. 11 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

EDITORA

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRECTORES-ADJUNTOS

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

CONSELHO CIENTÍFICO

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores

Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz	06
ESTRANHA EPÍGRAFE NO CONCELHO DE TABUAÇO	
José d'Encarnação, José Carlos Santos.....	07
PESOS DE TEAR ROMANOS, COM GRAFITOS, PROVENIENTES DE TORRES VEDRAS	
Isabel Luna, José d'Encarnação, Luísa Batalha, Guilherme Cardoso	16
ANÁLISIS POR DIFRACCIÓN DE RAYOS X DE TERRA SIGILLATA PROCEDENTE UN YACIMIENTO URBANO DE VIGO (PONTEVEDRA)	
O. Lantes Suárez, R. M. Rodríguez Martínez, J. M. Vázquez Varela	38
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA MURALHA MEDIEVAL/MODERNA DO CASTELO DE MIRANDA DO DOURO 2018/2019: RESULTADOS FINAIS	
Rui Pinheiro, Pedro Dâmaso	55
UN ARCANGELO COME <i>LIMEN</i> : IL SANTUARIO MICAELICO DEL MONTORFANO TRA STRUTTURA ARCHITETTONICA, RAPPRESENTAZIONE FIGURATIVA E SIMBIOSI DEL SEGNO GRAFFITO	
Gianfranco Massetti, Georgios Dimitriadis, Marise Campos de Souza	96
IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA – PE: ASPECTOS HISTÓRICOS, ARTÍSTICOS E CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL CONSTRUTIVO	
Fernando Antônio Guerra de Souza, Henry Socrates Lavalle Sullasi	134
TIJOLOS ARQUEOLÓGICOS AMARELOS INCOMUNS NO BAIRRO DO RECIFE, PERNAMBUCO, BRASIL, SÉC. XVII-XVIII	
Maria Aparecida da Silva Oliveira, Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva, Ana Catarina Peregrino Torres Ramos	154
LA DINÁMICA DE LOS CAMBIOS EN EL CENTRO ALFARERO DE GUNDIVÓS (LUGO, GALICIA, ESPAÑA)	
Alexandre Luis Vázquez-Rodríguez, José Manuel Vázquez Varela	173
ACTUACIONES ARQUEOLÓGICAS EN BIENES CULTURALES DE DAIMIEL (CIUDAD REAL) Y SU PROYECCIÓN PARA LA GESTIÓN DEL PATRIMONIO	
Miguel Torres Mas	188

EDITORIAL

O n.º 11 da “Antrope” apresenta aos investigadores 9 artigos diferenciados, organizados diacronicamente:

1. “*Estranha Epígrafe no Concelho de Tabuaço*”, dedicado à tradução de epígrafe;
2. “*Pesos de Tear Romanos, com Grafitos, provenientes de Torres Vedras*”, dedicado a grafitos existentes em pesos de tear. Ambos se reportam ao período Romano em Portugal.

Da Galiza, o artigo 3. “*Análisis por Difracción de Rayos x de Terra sigillata Procedente un Yacimiento Urbano de Vigo (Pontevedra)*”, apresentam a investigação arqueométrica (difração de raios X da mineralogia), de *Terra sigillata* hispânica e africana cujos resultados permitem concluir a importância do porto de Vigo, enquanto ponto de comércio, entre a Península Ibérica e Marrocos, desde o Alto Império até o final da Antiguidade tardia.

4. “*Intervenção Arqueológica na Muralha Medieval/Moderna do Castelo de Miranda do Douro 2018/2019: resultados finais*”, constitui-se como uma intervenção arqueológica cujo objetivo se reflectiu na requalificação da muralha medieval/moderna do Castelo de Miranda do Douro. De Itália, com base na longa diacronia desde a Pré-História recente até aos séculos XIV e XVI, é-vos apresentado.

5. “*Un Arcangelo come limen: Il Santuario Micaelico del Montorfano tra Struttura Architettonica, Rappresentazione Figurativa e Simbiosi del Segno Graffito*”, um complexo iconográfico do santuário do Monte Sant'Angelo, no Gargano.

6. “*Igreja de Nossa Senhora das Neves do Convento de São Francisco de Olinda – PE: Aspectos Históricos, Artísticos e Caracterização do Material Construtivo*” é um artigo brasileiro, cujo conteúdo trata de um Monumento seiscentista, reconhecido com Património da Humanidade, mais propriamente o Convento de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora das Neves.

7. “*Tijolos Arqueológicos Amarelos incomuns no Bairro do Recife, Pernambuco, Brasil, séc. XVII-XVIII*” é também uma contribuição do Brasil integrado no Programa Monumenta, Recife (2006-2007).

8. “*La Dinámica de los Cambios en el Centro Alfarero de Gundivós (Lugo, Galicia, España)*”, demonstra-nos através da experimentação, como os tradicionais recipientes cerâmicos populares do século XX galegos, reflectiram na sua produção as crises sociais ocorridas em ambiente rural.

9. “*Actuaciones Arqueológicas en Bienes Culturales de Daimiel (Ciudad Real) y su Proyección para la Gestión del Patrimonio*”, destaca a forma como a valorização do Património na aldeia de Daimiel (Castilla-La Mancha/Espanha), realizada através da que a Câmara Municipal de Daimiel, fornece oportunidades sob vários pontos de vista. Os projectos de investigação realizados nos bens arqueológicos de Motilla del Azuer, Venta de Borondo, Puente Viejo e Caleras, são bem disso exemplo a ser seguido em toda a Península Ibérica.

Ana Cruz
Tomar, 16 de Dezembro de 2019

IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA – PE: ASPECTOS HISTÓRICOS, ARTÍSTICOS E CARACATERIZAÇÃO DO MATERIAL CONSTRUTIVO

NOSSA SENHORA DAS NEVES CHURCH OF SÃO FRANCISCO DE OLINDA – PE: HISTORICAL, ARTISTIC FEATURES AND CHARACTERIZATION OF THE BUILDING MATERIAL

Recebido a 31 de outubro de 2019

Revisto a 26 de novembro de 2019

Aceite a 03 de dezembro de 2019

Fernando Antônio Guerra de Souza

Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco
arteculturaexpressao@hotmail.com

Henry Socrates Lavalle Sullasi

Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco
henri.lavalle@gmail.com

Resumo

O conjunto arquitetônico em que reúne o Convento de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora das Neves encontra-se localizado na Ladeira de São Francisco, no Sítio Histórico de Olinda. O referido Sítio Histórico, em 1980, foi declarado Monumento Nacional pelo Congresso Nacional e, foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade, em 1982. Implantado como um modelo português de fixação em terras conquistadas apresenta uma harmoniosa composição urbana entre os seus edifícios.

O cenário deste trabalho é o Convento de São Francisco e a sua Igreja de Nossa Senhora das Neves, projeto do irmão Frei Francisco dos Santos, em 1585, o mais antigo arquiteto da Ordem Franciscana com atuação no Brasil e, conforme as suas orientações, os frades realizam as primeiras obras de ampliação das edificações recebidas em doação: uma casa de recolhimento e uma pequena igreja, para a instalação dos religiosos, sob a denominação de Nossa Senhora das Neves. As ampliações continuaram tanto no convento quanto na igreja, cabendo ao custódio frei Antônio dos Anjos, durante a sua administração (1627-1630), a conclusão das obras.

As obras de ampliação e melhoramentos naquele edifício prolongaram-se, portanto, de 1586 até 1630, quando ocorre a invasão holandesa em Pernambuco. Em 25 de novembro de 1630, a Vila de Olinda é incendiada, juntamente seus edifícios. Durante a ocupação, entre 1630 a 1654, defenderam o território com fortificações tomadas aos portugueses ou construídas por eles, contra os ataques promovidos pelos lusitanos. Mesmo com a Vila em destruição, o Convento esteve abert aberto.

Após a rendição dos holandeses, em 1654, o Convento recebe obras de restauração, prolongando-se até meados do século XVIII, ganhando as suas feições atuais, inclusive no interior da igreja. No decorrer dos anos, os Conventos, em Olinda, sofrem com o processo de decadência, processo que se arrasta até o início do surgimento do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, em 1937.

O Convento de Olinda, de grandes dimensões, era um dos mais atingidos e estava, portanto, a precisar de obras imediatas. Em 1945, tiveram início as obras de restauração, até 1949. Vale salientar e esclarecer que em um edifício desse porte as obras de manutenção devem ser permanentes objetivando a sua conservação. Mesmo com a conclusão, não foi possível realizar uma análise da ossatura dos muros, diante dos diversos momentos de construção e ampliação do edifício, quando da retirada dos rebocos. Em muito, esclareceria inúmeras dúvidas levantadas ao longo dos anos, referente às diversas fases e materiais utilizados na construção.

Assim, pretendemos esclarecer essas lacunas referentes à história do edifício e quanto às suas fases e materiais construtivos. Realizamos, portanto, algumas prospecções arqueológicas em quatro coletas nas paredes da capela-mor, que revelaram a presença de moluscos bivalves na composição das argamassas das paredes, indicando uma cal biológica resultado da calcinação destas conchas, coletadas em áreas costeiras nos arredores de Olinda. As análises no laboratório *Beta Analytic – radiocarbon dating*, em Miami, na Flórida, EUA, nos causaram resultados significativos.

Palavras-Chave: Igreja de Nossa Senhora das Neves, Convento de São Francisco de Olinda, Caracterização de material construtivo.

Abstract

The architectural ensemble in which the Convent of São Francisco and Nossa Senhora das Neves Church are located is located on the Ladeira de São Francisco, in Olinda's Historic Site. This Historic Site, in 1980, was declared a National Monument by the National Congress and was recognized as a World Heritage Site in 1982. Implemented as a Portuguese model of settlement in conquered lands, it presents a harmonious urban composition among its buildings.

The scenario of this work is the Convent of St. Francis and its Church of Our Lady of the Snows, project of Brother Friar Francisco dos Santos, in 1585, the oldest architect of the Franciscan Order with operations in Brazil and, according to his orientations, the friars carry out the first works of expansion of the buildings received in donation: a house of retreat and a small church, for the installation of the religious, under the denomination of Our Lady of Neves. The enlargements continued both in the convent and in the church, and it was up to the custodian of Antonio dos Anjos, during his administration (1627-1630), to complete the works.

Expansion and improvement work on that building therefore lasted from 1586 to 1630, when the Dutch invasion of Pernambuco occurred. On November 25, 1630, the village of Olinda is set on fire, along with its buildings. During the occupation, between 1630 and 1654, they defended the territory with fortifications taken or built by the Portuguese against attacks promoted by the Lusitanians. Even with the village in destruction, the Convent was open.

After the Dutch surrender in 1654, the Convent receives restoration works, extending until the mid-eighteenth century, gaining its current features, including inside the church. Over the years, the Convents in Olinda suffer from the process of decay, a process that drags on until the beginning of the National Historical and Artistic Heritage Service - SPHAN, in 1937.

The large convent of Olinda was one of the hardest hit and was therefore in need of immediate works. In 1945, the restoration works began, until 1949. It is worth noting and clarifying that in a building of this size the maintenance works must be permanent aiming at its conservation. Even with the conclusion, it was not possible to perform an analysis of the bones of the walls, given the various moments of construction and expansion of the building, when removing the plasters. Much would clarify numerous doubts raised over the years, regarding the various phases and materials used in construction.

Thus, we intend to clarify these gaps regarding the building's history and its phases and construction materials. Therefore, we conducted some archaeological prospects in four collections on the walls of the chancel, which revealed the presence of bivalve molluscs in the composition of the mortars of the walls, indicating a biological lime resulting from the calcination of these shells, collected in coastal areas around Olinda. The analyzes at the Beta Analytic - radiocarbon dating laboratory in Miami, Florida, USA, gave us significant results.

Keywords: Nossa Senhora das Neves Church, Convent of São Francisco de Olinda, Characterization of constructive material

1. Introdução

Desembarcaram os franciscanos em Olinda, em 12 de abril de 1585, sendo recebidos solenemente pelo Senhor Felipe Cavalcanti e pela Senhora Catarina de Albuquerque Arcoverde, um nobre casal morador da vila de Olinda. Enquanto estavam hospedados os religiosos na residência do referido casal, duas moradas de casas estavam sendo adaptadas próximas à Santa Casa da Misericórdia, com oratório e demais cômodos para acolherem os frades. Nessas moradas permaneceram os religiosos até o dia 4 de outubro do ano de 1585 (dia em que é celebrada no mundo a solenidade litúrgica do santo São Francisco). Uma senhora, D. Maria da Rosa, devota da Ordem e viúva de Pedro Leitão - um Senhor de terra lusitano – viera de Portugal com alguns nobres em 1575, conforme Galvão (2009) “em Olinda, ergueram uma capela e convento sob a invocação de Nossa Senhora das Neves, onde viviam recolhidas com mais outras senhoras naturais da terra, vivendo em hábito da Ordem Terceira do Patriarca São Francisco em que eram professoras.”

O recolhimento de mulheres e a pequena capela, sob a devoção de Nossa Senhora das Neves, foram construídos na esperança de oferecê-los aos franciscanos e, por algumas vezes, àquela senhora havia feito algumas tentativas. Solenemente, portanto, em 27 de dezembro de 1585, conseguiu o seu intento, doando-os aos religiosos, sendo representados na ocasião pelo Frei Melchior, e iniciando, em seguida, o seu trabalho de assistência religiosa às famílias da região bem como aos índios que ali habitavam. Consistia, então, tal oferta, além da casa de recolhimento e mais a capela com todos os seus ornamentos e paramentos, uma extensa área de terra – onde havia uma olaria - que estendia os seus limites até a faixa de praia incorporando o fortim, sendo esta chamada por longos anos de “praia de São Francisco”.

Imprescindível ressaltar que para a conclusão destes fatos foi de profunda importância a participação da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, já criada em Olinda antes de 1577, uma das mais antigas irmandades de Pernambuco e do Brasil, com sede funcionando na capela da mesma invocação, erguida próxima à Santa Casa de Misericórdia de Olinda, em excelente local, hoje conhecido como o Alto da Sé, por haver a Irmandade juntamente com o senado da Vila, negociado com a D. Maria da Rosa, regente das recolhidas de Nossa Senhora das Neves, a doação de sua capela e convento, a fim de abrigar os padres franciscanos. Em troca, prometia aquela Irmandade lhe doar as suas casas e terrenos, para ali, com a ajuda do Senado, erguer um Mosteiro para as Religiosas Profetisas (Galvão, 2009).

Em meio a grande solenidade festiva os frades se dirigiram, afinal, para a sua nova casa, o Convento de Nossa Senhora das Neves, sendo nomeado como guardião e prelado o irmão Frei Francisco dos Santos. É sob as suas ordens, consoante risco acolhido, que os frades iniciaram, em 1586, as primeiras obras de ampliação daquelas antigas casas doadas, destinadas à recepção de alguns noviços e à construção de um seminário para acolhimento dos filhos dos índios e dos convertidos, sendo concluídas tais obras em 1590. Em 1596, o padre custódio frei Braz de São Jerônimo iniciou no Convento de Olinda um curso de Letras que, em 1606, tinha como um dos seus

professores o Frei Vicente do Salvador, que veio a ser autor da primeira História do Brasil (Silva, 2008).

O Convento Franciscano de Olinda, edificado desde aquele século XVI e restaurado em 1945, pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN, constitui, ao considerarmos as várias épocas de suas diferentes intervenções, um notável exemplar de convivência de tempos e estilos, adequando-se e relacionando-se com o ambiente paisagístico onde se acha inserido, de forma e maneira indiscutivelmente harmoniosa. A pesquisa se debruça para percorrer os aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos, assim como, o registro e a qualificação desse bem cultural e suas tecnologias construtivas, ao longo dos anos, o que contribuirá amplamente para a divulgação desse patrimônio também junto à população, agregando o reconhecimento do bem cultural, sendo esse um forte estímulo para a sua preservação.

No Convento de Olinda, quando das obras realizadas em 1945, não foi possível materializar o resultado de uma análise da ossatura das paredes diante dos diversos momentos construtivos do edifício, deixando-as à mostra, quando da retirada dos rebocos, tornando-se necessário a coleta de amostras da argamassa para compreender o perfil da edificação. Portanto, constituiu-se o procedimento de coleta das amostras nas paredes do edifício do Convento de São Francisco de Olinda, quando nos revelou, após análises no laboratório Beta Analytic – radiocarbondating, em Miami, Flórida, um resultado surpreendente em relação à confecção e à utilização da argamassa, com uma datação de 1220 ± 30 BP, quando da utilização de conchas bivalves na confecção da cal biológica e sua aplicação nas paredes do Convento.

1.1. Aspectos históricos, arquitetônicos e artísticos

O Convento de Nossa Senhora das Neves de Olinda, o primeiro erguido pelos franciscanos em terras brasileiras, inscrito no Livro do Tombo Belas Artes, Inscr. nº 189, de 22/07/1938 e tombado pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, remonta aos primeiros anos da colonização de Olinda no século XVI e faz parte do conjunto arquitetônico formado pelo Convento franciscano e a Igreja de Nossa Senhora das Neves localizado na Ladeira de São Francisco, no Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco. O Sítio Histórico foi declarado Monumento Nacional pelo Congresso Nacional em 1980 e, em 1982, foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial.

Dentre tantos edifícios pertencentes ao Histórico de Olinda, divisamos o nosso olhar para o Convento de São Francisco e a sua Igreja de Nossa Senhora das Neves, de propriedade da Arquidiocese de Olinda e Recife, sendo ocupada pelos frades da Ordem Franciscana Menor. Segundo Spoto (2003) a cultura medieval se define por sua obsessão com categorização, a classificação e a denominação de tudo, e os grupos religiosos de qualquer tamanho não eram exceção. Que nome daria Francisco, então, a sua companhia? Por algum tempo designavam-se como “os homens pobres de Assis”. Mas quando agora lhe era solicitado identificar-se a si mesmo e aos demais, respondia simplesmente: Quero que esta fraternidade seja chamada, “Os Irmãos Menores” – fratresminores. Mais tarde, a designação oficial se tornou Ordo Fratrum Minorum, que chegou para o português como Ordem dos Frades Menores. “A expressão Frades Menores”, soa quase tímida e polida, e não sugere o distanciamento do orgulho e da primazia, pretendida por Francisco. Éramos

simples e súditos de todos, exclamava Francisco, e isso era o sentido de seus “Irmãos Menores. (Spoto, 2003).

A arquitetura religiosa no Brasil, dentre tantas criações maneiristas e barrocas, legou a mais original traça do período colonial brasileiro, o grupo de conventos construídos pelos franciscanos no Nordeste do País, que “pressupõe uma verdadeira escola de construtores pertencentes à Ordem”, conforme nos revela Bazin (1983). Através do Frade Antônio de Santa Maria Jaboatão, cronista da Ordem por volta de 1750, autor do livro “Novo Orbe Seráfico Brasileiro”, é quem devemos boa parte das informações sobre a história da Ordem no Brasil e dos conventos, inclusive sobre o mais antigo arquiteto da Ordem que atuou no Brasil, Frei Francisco dos Santos, que é o autor do projeto do convento de Olinda (1585) e do convento da Paraíba (1590).

Em 1975, foi publicada a Narrativa da Custódia de Santo Antônio no Brasil (1584-1621), de autoria do Frei Manuel da Ilha, que “ocupa o primeiro lugar entre os antigos manuscritos franciscanos do Brasil”, em que ele revela ser o Convento de Olinda o primeiro da Ordem de São Francisco. O Frei Venâncio Willeke (1977), estudioso e autor de dois excelentes trabalhos sobre a Ordem, declara que *o primeiro convento com o qual teve início a Custódia de Santo Antônio em terras brasileiras. A iniciativa dos franciscanos de fundar sua primeira casa do Brasil em Olinda resultou de um pedido do governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho, feito ao superior geral da Ordem Franciscana, Frei Francisco Gonzaga. Estando Portugal sob o domínio da Espanha, houve a necessidade do apoio do Rei Felipe II. No dia 13 de março de 1584, Frei Gonzaga, ao presidir o capítulo provincial dos franciscanos de Lisboa, decretou a fundação da Custódia de Santo Antônio, com sede em Pernambuco, nomeando desde então como definidor o Frei Melchior de Santa Catarina.* (Willeke, 1977).

Desembarcaram os franciscanos em Olinda, em 12 de abril de 1585, sendo recebidos solenemente pelo Senhor Felipe Cavalcanti e pela Senhora Catarina de Albuquerque Arcoverde, um nobre casal morador da vila de Olinda, na freguesia da Matriz. Enquanto estavam hospedados os religiosos em uma das residências do referido casal, outra morada de casa estava sendo adaptada próxima à Santa Casa da Misericórdia, com oratório e demais cômodos para acolherem os frades. Os religiosos alojados em uma daquelas casas até o dia 4 de outubro de 1585 (dia em que é celebrada no mundo a solenidade litúrgica do santo), quando se mudaram para o dito convento. Uma senhora, D. Maria da Rosa, devota da Ordem e viúva de Pedro Leitão.

Esse recolhimento de mulheres e a pequena capela, sob a devoção de Nossa Senhora das Neves, foram construídos na esperança de oferecê-los aos franciscanos e, por algumas vezes, àquela senhora havia feito algumas tentativas. Solenemente, portanto, em 27 de dezembro de 1585, conseguiu o seu intento, doando-os aos religiosos, sendo representado, na ocasião, pelo Frei Melchior, e iniciando, em seguida, o seu trabalho de assistência religiosa às famílias da região bem como aos índios que ali habitavam. Consistia, então, tal oferta, além da casa de recolhimento e mais a capela com todos os seus ornamentos e paramentos, uma extensa área de terra – onde havia uma olaria - que estendia os seus limites até a faixa de praia incorporando o fortim, sendo esta chamada por longos anos de “praia de São Francisco”. Imprescindível ressaltar que para a

conclusão destes fatos foi de profunda importância a participação da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, já criada em Olinda antes de 1577.

Os frades dirigiram-se, afinal, para a sua nova casa, o Convento de Nossa Senhora das Neves, sendo nomeado como guardião e prelado o irmão Frei Francisco dos Santos⁵³. É sob as suas ordens, consoante risco acolhido, que os frades iniciaram, em 1586, as primeiras obras de ampliação daquelas antigas casas doadas, destinadas à recepção de alguns noviços e à construção de um seminário para acolhimento dos filhos dos índios e dos convertidos, sendo concluídas tais obras em 1590. Em 1596, conforme o historiador Silva (2008), “(...) o padre custódio frei Braz de São Jerônimo iniciou no Convento de Olinda um curso de Letras que, em 1606, tinha como um dos seus professores frei Vicente do Salvador, que veio a ser autor da primeira História do Brasil”.

Entre 1606 e 1609, na administração do custódio Frei Leandro de Jesus, aconteceram novas obras de ampliação nas dependências ou casas do convento, estendendo as habitações e acrescentando os edifícios, conforme Frei Jaboaão (1858-59). Acrescenta Pereira da Costa (1983) que anos mais tarde, outras obras e melhoramentos quer no convento quer na igreja foram realizadas, cabendo enfim ao custódio Frei Antônio dos Anjos (natural de Olinda), na sua prelatura (1627-1630), tudo concluir, ficando assim um edifício de grandiosa e bela fábrica, como os próprios invasores holandeses o referem.

Silva (2008) revela que ao *descrever a Vila de Olinda, em 1630*, “(...) o reverendo Johanes Baers afirma que o Convento dos Franciscanos dispunha de um bonito pátio com uma bela fonte onde o povo vai buscar água para beber, e estarem as igrejas dos conventos ricamente ornadas com dourados e muitos altares, mas sem quadros preciosos nem outros. Essa fonte foi construída pelo custódio fr. Antônio de Braga (1624-1627) (...)”, e como a descreve Jaboaão (1858-59), “(...) era uma obra de valor pela sua arquitetura e sólidos fundamentos, com seus registros, que caíam em um poço, e um lavatório, tudo de forte abóbada, proporcionando assim o abastecimento d’água potável ao convento, que antes a mandava vir dos arrabaldes da cidade em pipas e carros, e todo o serviço de lavagem da roupa de casa”.

Entre os anos de 1586 até 1630, tiveram sequência as obras do convento, conforme nos referimos, quando ocorreu a invasão dos batavos. Na noite de 25 de novembro de 1631, definiram os holandeses pelo incêndio de Olinda, comprometendo vários dos seus templos e do casario. Mesmo com a Vila nitidamente atingida, o Convento permaneceu atuando, funcionando e aberto, ainda ocupado por doze religiosos, até o ano de 1639.

¹ Frei Francisco dos Santos seria o mais antigo arquiteto da Ordem, aquele que realizou os traços gerais dos conventos de Olinda e de João Pessoa, seguindo as diretrizes gerais vindas de Portugal.

Menezes (1985) afirma que, enquanto estavam trabalhando em Olinda também realizavam obras no Recife. Em 1606, foi iniciado o Convento de Santo Antônio do Recife, na Ilha de Antônio Vaz, por instância dos moradores, sendo edificado no mesmo período das ampliações do de Olinda. *“Os dois conventos, o de Olinda e o do Recife, guardam certos aspectos comuns e decorrentes de um mesmo momento de obras. Ambos têm as suas Capelas-mores em abóbada, um em berço e o outro em meia esfera; as paredes de ambos apresentam uma alvenaria de tijolos, de pedra (calcário), sendo neles de época posterior o uso do arenito. A distribuição interna dos cômodos, nos dois, guarda semelhança, e é, de certo modo, decorrente da obediência a Regra e mais ainda àquele carácter mendicante da Ordem. Acreditamos serem os conventos de Olinda, do Recife, de Ipojuca e de João Pessoa, enquanto ordenamento do risco, isto é, da concepção do conjunto arquitetônico, da lavra de Frei Francisco dos Santos, que determinou suas partes e disposição no terreno e de Manoel Gonsalves Olinda a execução em termos de pedra e cal, dos de Ipojuca e do Recife. Do convento de Olinda tem-se boa representação, em gravura, anterior ao incêndio da vila. Trata-se de estampa que ilustra o livro de J. Laet⁵⁴, titulada Marim d’Olinda.”* (Menezes, 1985).

A referida gravura teve a sua fidelidade comprovada por ocasião das restaurações promovidas em Olinda pelo arquiteto José Luiz Mota Menezes, onde os detalhes de arquitetura representados, de alguns edifícios, são confirmados quando comparados com a estampa. Os maiores exemplos foram verificados quando da restauração da Sé de Olinda (1974-1978) e da Igreja de Nossa Senhora da Graça, do antigo colégio dos Jesuítas (1974-1978). No primeiro caso, três detalhes revelados na estampa foram comprovados no edifício: 1. As frestas, janelas ou seteiras de iluminação da nave central que haviam sido fechadas foram localizadas, reabertas e restauradas, restabelecendo uma luminosidade de feixes cruzados no interior da nave; 2. A questão das duas torres quando na estampa aparece aquela do lado sul, a do mar, enquanto em uma intervenção no século XX somente a do lado norte foi reconstruída. Posteriormente, através de pesquisas em arquivos foi encontrado um documento (uma carta do padre João Gomes de Mello, de 1669, publicada no Departamento de História, da UFPE), enviada ao Rei de Portugal comprovando a existência das duas torres; 3. A cúpula, acima da capela-mor, foi outro elemento arquitetônico restabelecido, que havia sido representado na referida estampa. No segundo edifício, a existência de três janelas na altura do coro, na fachada frontal da igreja do século XX, não aparecem representadas na referida estampa. Após procedimentos realizados quando da restauração verificou-se, no centro do frontispício, acima da porta de acesso, a abertura de um óculo, semelhante ao existente na Sé, era aquela mancha escura retratada na estampa.

Em relação ao Convento de São Francisco, revela Menezes (1985) em uma análise da referida estampa que o *“(…) convento e a igreja são construções que se situam a meia altura, aproximadamente, em relação ao Colégio dos Jesuítas e o nível do mar. Apesar de ser menor, ao se comparar com a casa dos jesuítas, não é uma construção tão pequena; o mesmo diríamos com relação às dimensões da igreja matriz,*

² Olinda ainda não incendiada e o povoado do Recife com armazéns incendiados pelo Matias de Albuquerque. Não se sabe a autoria quer do desenhou da gravura, mas se tem comprovado a veracidade da representação.

a atual Sé. Praticamente, as medidas são bem próximas. Em altura, o conjunto franciscano é bem modesto, parecendo ter apenas dois andares e estes mesmos de pouco pé direito; veja-se a altura da nave da igreja de Nossa Senhora da Graça, a qual corresponde quase a dois andares do convento. A torre sineira da igreja de Nossa Senhora das Neves é lateral e na parte norte, alinhada com a fachada do mesmo templo, assim nos parece. A cerca do convento, em madeira, à maneira de uma paliçada, demarca o limite com a ladeira e contorna o conjunto conventual descendo até próximo à praia, mas deixando um espaço, onde se encontra o fortim que balisava a parte norte da defesa da vila. Esta cerca deixa, também, todo um grande terreno na parte sul, confirmando a existência daquela área onde se encontrava a olaria, conforme a escritura de doação. Do corpo do convento, talvez desde a igreja, uma construção, de forma bem clara, avança em direção ao sul e se destaca em primeiro plano, provavelmente parte da quadra conventual. Diante da igreja, do lado de fora da cerca, um cruzeiro está bem definido, à maneira dos franciscanos (...)

A partir de 1630, quando se instala no Nordeste o governo do Brasil Holandês, e diante das frequentes necessidades da Companhia das Índias Ocidentais, os holandeses realizaram inúmeros estudos e mapeamentos referentes a essa região. Revela-nos José Luiz M. Menezes (1985) que “(...) no mapa de Olinda, de 1648, e naquele que se encontra ilustrando o livro de Gaspar Barleus⁵⁵, os três monumentos, Igreja de Nossa Senhora da Graça, Matriz do Salvador e Convento de São Francisco, estão desenhado sem uma mesma escala. Comparando as dimensões dos edifícios verificamos que o convento não era tão pequeno quanto se tem dito ou acreditado.” Quando comparamos as plantas dos três monumentos referidos, a igreja da Sé, a igreja da Graça e o convento, e observarmos os resultados conseguidos após as restaurações procedidas (1974-1978), sobretudo nos dois primeiros, e assim ter conhecimento das suas dimensões no final do século XVI, verificamos que o convento franciscano ainda mantém características daquele edifício conhecido pelos holandeses, fato que pode ser constatado através da análise daquela gravura “Marim de Olinda” e dos mapas referidos.

Tal constatação nos leva a acreditar que a igreja – a capela-mor e a nave, excluindo-se a galilé, antecede a presença dos holandeses, portanto antes do incêndio de

³ Laet, Joannes de. História ou Anais dos Feitos da Companhia das Índias Ocidentais, Tradução e notas dos Drs. José Higinio Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, Rio de Janeiro, 1916/1925. A estampa encontra-se entre as páginas 232 e 233. O desenho, que serviu ao gravador, deve ter sido realizado entre os anos de 1630 e 1631, uma vez que apresenta a Vila de Barleus, Gaspar. História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil, tradução de Claudio Brandão, prefácio de José Antônio Gonsalves de Mello, Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife, 1980. O mapa que deve ter dado origem a gravura nº 9, do livro de Barleus, é titulado, “Civitas Olinda”, e é de autoria de Georg Maggravius, executado em 1637 e 1644. Existe também uma planta de Olinda desenhada por Vingboons, e inserta em um Atlas que pertence ao Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano.

Olinda e estando bem documentada na referida gravura. Em um segundo momento, observamos que estas paredes teriam sido elevadas para receberem o forro. Na gravura, observa Menezes (1985), “não há indicação da existência de uma galilé ou alpendre, como era de hábito em conventos franciscanos”. Com relação ao espaço do convento, “(...) podemos afirmar baseado na existência da sala do capítulo (esta certamente anterior a 1630) e na estampa referida, que a parte leste da quadra, junto à igreja, é aquela representada na gravura. Deveria ter sido apenas térreo e primeiro andar, com pés-direitos de aproximadamente três metros. Acreditamos terem os franciscanos fechado a quadra, isto é, construído de todo o convento, deixando o local do claustro. O fato de se ter edificado uma nova portaria em 1754 e, na ocasião, serem destruídas as obras anteriores coincidentes, torna-se difícil qualquer conclusão definitiva”.

Frans Post, pintor da comitiva de Nassau, no século XVII, realizou inúmeras pinturas retratando o Recife e Olinda permitindo-nos, desta forma, uma maior leitura da vila e do convento anterior a 1630. Em uma destas gravuras para retratar Olinda conseguiu uma superposição entre a Matriz e o convento, reproduzindo-a, posteriormente, por diversas vezes. Bazin (1983), em seu notável trabalho “Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil”, a esse respeito comenta dois quadros de Frans Post e uma estampa do livro de Gaspar Barleus, (nº10), mostram o estado de ruínas do convento, após o incêndio de 1631. Este conjunto é de difícil interpretação, pois se confunde com as ruínas da catedral, situadas atrás dele. Podemos ser levados a interpretar as três arcadas vistas sob uma face da parede como as de um pórtico, em uma disposição análoga à encontrada em Ipojuca.

As arcadas, na verdade, observa Menezes (1985) “(...) as quais são fixadas pelo artista não são as de um pórtico, conforme sugere Bazin, e sim da parte de apoio da antiga sacristia, àquela que existiu antes das obras que chegou aos nossos dias, esta já da fase de reconstrução do convento, na segunda metade do século XVII. Quando da restauração dessa sacristia, realizada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1º Distrito), ao se reforçar as fundações, foi possível ainda encontrar os pilares de tais arcadas”.

Constatamos, pois, ao analisar as pinturas que não poderia ser o pórtico ou galilé, uma vez que a igreja do convento era voltada para o poente, ou seja, frontal à ladeira de São Francisco.

A ocupação holandesa em Pernambuco provocou em Olinda dois momentos de destruição na cidade. O primeiro decorrente do incêndio, em 1631; o segundo, em 1638, este com maior intensidade por conta da retirada de materiais e elementos construtivos como soleiras, cercaduras, tijolos, portas, janelas e telhados inteiros, desfigurando inúmeros monumentos, materiais estes necessários às obras de ampliação do Recife, realizadas a partir de 1639.

Em 1654, com a capitulação dos holandeses, retornam os frades de imediato ao convento de Olinda, encontrando-o bastante arruinado. Tem início, portanto, o processo de restauração do edifício, em 1662, prolongando-se por todo o século XVII e início do XVIII, conforme data assinalada sobre as duas janelas do térreo do edifício da portaria: Ano de 1754. Observa Bazin (1983) que o “(...) claustro contém uma pedra tumular do

frei Joseph de Santo Antônio, falecido em 1686. As arcadas do claustro, não podem, devido ao seu estilo, remontar além dos anos de 1700. Mas as construções que o cercam são anteriores. A escada que dá para os dormitórios, com seus azulejos de tapete azuis e amarelos e seus pilares guarnecidos com almofadas, é nitidamente do século XVII. A arcada que se abre para a edícula (nicho) do lavatório da sacristia reproduz literalmente arcadas da galilé de Ipojuca, o que indica a mesma oficina e a mesma data, por volta de 1660”.

Do primitivo convento encontramos, ainda, a graciosa Capela do Capítulo, em frente ao claustro, com trabalhos de talha do “Nacional Português”, um silhar de azulejos coloridos (do mesmo tipo daquele da escada de acesso aos dormitórios), com teto em caixotões pintados e uma sepultura rasa onde se encontram os restos mortais do capitão Francisco do Rego Barros e de sua mulher, Archangela da Silveira, padroeiros desta capela, com tais inscrições na pedra sepulcral de mármore e, ainda, com o seu brasão de armas em baixo relevo, com data de 1656.

No Novo Orbe Seráfico Brasileiro, Frei Jaboatão (1858-59), vai se referir à sala capitular como a “(...) Capela, que chamamos Capítulo em nossos claustros, é neste uma das mais perfeitas e devotas que tem hoje esta província, só se lhe acha o azar de ser mais pequena do que devia, pois a deixou, quem traçou o convento novo, na mesma forma em que estava no antigo. Acha-se forrada toda, assim no teto, como nas paredes, com bons painéis de molduras douradas e de perfeita pintura, correspondente a alguns passos da fuga para o Egito e Desterro da Senhora, objeto compassivo, a quem é consagrada esta Capela, nas três peregrinas imagens dos que o executaram Jesús, Maria e José, todas de perfeitíssima escultura e terníssima devoção”.

José Luiz M. Menezes (1985) assinala que, nessa etapa das obras, “(...) iniciadas no século XVII, acreditamos tenha se definido a galilé que, originalmente, era aberta também para os lados, conforme foi possível se observar quando se realizaram trabalhos de conservação no seu forro artesado. Em sua fachada de frente, encrustada a uma das arcadas da galilé, encontra-se uma cruz de pedra com uma inscrição: Esta S. Estação representa o lugar onde posarão a cruz a costa/Anno de 1700”. Ainda nesta fachada, acima da galilé, certamente, teríamos uma composição em frontão triangular, de acordo com a data de construção do templo, no estilo Maneirista, com o seu campanário recuado do plano da fachada. O que vemos hoje, um coroamento com frontão escalonado em volutas, é obra, certamente, do século XVIII. As obras da sacristia prolongaram-se por todo o século XVII, e em uma das arcadas das edículas encontra-se o lavabo. Em relação a este ambiente, Santos Simões (1965), impressionado com a sua traça e decoração fez alguns comentários: “É o espaço mais notável de todo o Convento, pelas dimensões e pela decoração. O teto apainelado com motivos entalhados contém 15 pinturas de assuntos franciscanos, que são das melhores que vi no Brasil. A aumentar o interesse há 8 quadros mais pequenos com naturezas mortas e onde se pintaram frutas locais e exóticas. O arcaz com seu espaldar em talha e espelho, o armário encastrado na parede são outros motivos do maior interesse artístico. Mas são os azulejos, finalmente, que completam o conjunto de forma impressionante. As paredes livres de portas, de janelas e de mobiliário estão totalmente revestidas numa altura de 25 azulejos. O esquema decorativo é o do azulejo azul, figurado, com um alisar de 6 azulejos, acima do qual foram colocados, na parede do lado nascente, dois grandes painéis de 17 de altura por

16 ½ de largura, incluindo a moldura de 2 azulejos, aliás, extraordinariamente bem composta. Os painéis apresentam São Francisco recebendo os estigmas e o menino Jesus aparecendo a Santo Antônio. A pintura é magnífica e certamente executada por um discípulo de A. de Oliveira Bernardes, o que se reconhece pela técnica, composição e até pelos pormenores, como o do frade lendo (painel de S. Francisco), onde se diria que houve intervenção do mestre. Aliás, pelo tipo de pintura, coloração, composição – ainda muito clássica na moldura – e presença de óvulos, esta obra parece poder ser de cerca de 1717-20. No entanto a presença da restante decoração do alisar referido – e a ornamentação de arquitetura, formando pilastras com figuras atlantes, é certamente de época vizinha de 1740. De notar é o friso superior de 2 azulejos que corre em toda a cornija e que julgamos poder afirmar ser coevo e de mesma mão dos dois grandes painéis os quais não há dúvida que foram feitas propositalmente para este local (a explicação desta anomalia cronológica – a dos azulejos inferiores serem mais recentes do que os painéis da parte alta das paredes) – pode ser tentada com a hipótese de, primitivamente – ainda no século XVII – a sacristia ter tido silhar baixo de azulejos padrão. Sobre estes teriam sido colocados cerca de 1717-20 os painéis azuis atrás descritos e, mais tarde, talvez por se ter reconhecido a discrepância cromática entre o alto rodapé e os painéis, teria sido aquele substituído pelo alisar ornamental azul que ora se vê. Foi também por então (cerca de 1740) que vieram os restantes azulejos desta sacristia nomeadamente os do recesso do lavabo”.

Portanto, a atual sacristia, de acordo com os seus elementos tectônicos da obra de arquitetura, conforme Bazin (1983), “(...) são obras da segunda metade do século XVII (...)”. Durante as obras de reconstituição da capela-mor, por volta de 1714, foi demolido um carneiro de mármore encravado na parede, no local onde hoje se acha uma porta que dá acesso ao corredor da Via Sacra, pertencente ao capitão-mor D. Felipe de Moura. As obras continuaram por todo o corpo da igreja, sendo desta época a execução do forro em caixotões com pinturas da nave. Os painéis de azulejos, conforme Santos Simões (1965) são confecções de 1745. O frontão, já escalonado acima da galilé, como nos referimos anteriormente, guarda um nicho com uma imagem de pedra em estilo Barroco. Na reconstrução da igreja que se deu após 1654, observamos o aproveitamento de algumas paredes não destruídas pelo incêndio, fato relacionado, por exemplo, a uma sepultura do senhor David de Albuquerque Saraiva, de sua mulher e filhos, encontrada na base do arco da capela-mor, datada de 1693.

No interior da nave da igreja, ao longo de todos esses anos e devido a algumas intervenções, verificamos mudanças e acréscimos no seu repertório decorativo, resultado de estilos de épocas e, também, dependente dos recursos financeiros recebidos como, por exemplo, a perda dos retábulos originais, destruídos pelos insetos (cupins). A nave, portanto, recebeu um silhar de azulejos figurados (painéis de azulejos) em toda a sua extensão, além de três novos retábulos, o da capela-mor e dois outros colaterais ao arco cruzeiro, todos em estilo Rococó, confeccionados no final do século XVIII. No final da nave, no forro do coro, uma pintura em perspectiva ilusionista complementa a decoração do ambiente.

Um espaço arquitetural no Convento nos revela uma ansiedade incomum, o claustro. Bazin (1983) revela ser “(...) composto de uma galeria com arcadas, de ordem toscana, encimada por outra galeria alta, onde as colunas sustentam diretamente o teto.

Até o século XVIII, os arquitetos franciscanos perpetuaram nos claustros o estilo da primeira Renascença, como se havia manifestado em Portugal no fim do século XVI. Portanto, as arcadas desse claustro não podem, devido ao seu estilo, remontar além dos anos 1700”.

No claustro de Olinda existe uma pedra tumular de frei Joseph de Santo Antônio, falecido em 1686, conforme um costume religioso de realizar sepultamentos neste local, já referido, e um revestimento de azulejos em painéis figurados, representando cenas da vida de São Francisco, aplicados, segundo Santos Simões (1965), entre 1734 e 1745. Afirma, pois, Bazin (1983), que “as construções que rodeiam o claustro são anteriores àquela datação”.

A Capela da Portaria está situada no mesmo alinhamento da galilé, na fachada frontal, cuja porta de acesso conduz o visitante a uma grande sala onde se encontra o altar de Santana, decorado em estilo joanino, com azulejos azul e branco em suas paredes que trazem, em seus painéis, relatos da vida de Santana (assentados no século XVIII), e um forro apainelado pintado em alegorias sobre a divisão do mundo: Europa, África, Ásia e América. No andar superior, sobre a portaria, nos deparamos com a biblioteca que ocupa espaçosa sala, repleta de estantes antigas em jacarandá tomadas de livros, centenas de livros, papéis e documentos demarcados, com pintura no teto e retábulos também do joanino. Próxima à biblioteca, há outra sala do capítulo com uma notável pintura de teto em compartimentos em estilo joanino, representando as figuras dos grandes sábios franciscanos.

Por volta de 1711, os irmãos terceiros franciscanos de Olinda iniciaram a construção da sua capela, situada perpendicularmente em relação à nave da ordem primeira, do lado do Evangelho, uma característica marcante nos conventos franciscanos do Nordeste. Bazin (1983), em relação à capela dos irmãos terceiros nos revela: “A igreja da Ordem Terceira, quando se construiu uma perto do convento, geralmente era uma grande capela fora da obra, perpendicular à nave central do lado do Evangelho, e que se abria para esta através de uma grande arcada. Essa disposição perpendicular é bem antiga”.

No final do século XVIII os franciscanos ampliam a sua antiga quadra conventual com mais uma obra em direção ao sul, no sentido do Recife. Observa Menezes (1985), com muita precisão que, “(...) tal construção é assentada em aterros e muros de arrimo para conformá-la à declividade da ladeira (...)”. Pereira da Costa (1983), nos informa “(...) que de Maranguape se transportava, em 1757, pedras para uma obra no convento de São Francisco (...)”. Por traz desta obra, os franciscanos construíram uma grande cisterna, cuja cobertura constituiu-se em um amplo terraço a céu aberto, revelando, ainda, em um dos cantos com vista para o mar, um magnífico relógio solar.

Em 1924, é realizada a “Viagem do Descobrimento do Brasil”, uma caravana formada por intelectuais como Mário de Andrade à frente, que viajam a Minas Gerais, como parte do Movimento Modernista em busca da formação de nossa identidade, de ser brasileiro. Com o Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, é criada a Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - SPHAN, com base no anteprojeto de Mário de Andrade, no qual todas as obras de arte pura ou de obra aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, cujos bens estavam representados nas manifestações culturais,

nos instrumentos arqueológicos, nos objetos, nas indumentárias, no folclore, nos monumentos históricos, nos monumentos representativos e nas paisagens naturais. Em Pernambuco, é instalado o seu 1º Distrito, sendo responsável por todos os monumentos considerados de vulto nacional e, certamente, o Convento de Nossa Senhora das Neves estaria relacionado dentre estes.

Em 1945, já bastante deteriorado, tiveram início as obras de conservação do convento com intervenções nos telhados, nas paredes aplicando-se novos rebocos e pinturas e nas esquadrias, tendo-se por concluídas as obras, temporariamente, em 1949. Um edifício dessa magnitude arquitetônica e histórica é por demais dispendiosa e difícil a sua inteira conservação, retratada, assim, em todos os edifícios da Ordem. Em relação às obras, José Luiz Mota Menezes (1985) comenta: *“O que lamentamos, diante daquelas obras realizadas pelo Distrito é, talvez, o desconhecimento em 1945, do que representaria o resultado de uma análise da ossatura dos muros, diante dos diversos momentos construtivos do edifício. É possível que isso tenha levado a não se proceder a uma documentação completa daquilo que ficou à mostra, quando da retirada dos rebocos. Em muito resolveria as dúvidas suscitadas, no momento, sobre as diversas fases da construção do convento, até simples anotações a respeito. Não acreditamos ter havido interesse em documentar os muros sem os rebocos”*.

Um dos momentos mais importantes daquelas obras de conservação foi quando da fixação do forro em arcosoados da capela dos irmãos terceiros. Este tipo de forro, também conhecido como caixotões, é uma das características da primeira fase do Barroco, o Nacional Português, aplicado nas primeiras igrejas barrocas, após o Maneirismo.

Após a conclusão das obras do forro, os técnicos iniciaram a recuperação dos retábulos da capela, já em 1950, tendo como meta a reconstituição de todas as partes danificadas pelo cupim, resultando, portanto, em trechos do retábulo com uma coloração entre o dourado e a cor natural do cedro. Em seguida, trabalharam nas pinturas dos caixotões, removendo os vernizes oxidados, limpando-as e aplicando outros vernizes. Na capela dos irmãos terceiros existia um coro alto situado na sua entrada, semelhante àquele existente na capela do Recife, que ficava por trás e que interferia o arco cruzeiro que dá acesso à capela, sendo, portanto, retirado e se restabelecendo as duas tribunas laterais que haviam sido subtraídas quando da sua execução.

Também foram realizadas obras de conservação na capela do capítulo, situada no claustro, na capela da portaria e, também, no claustro, com o reassentamento dos azulejos e o preenchimento das lacunas com massa, não havendo, nesse momento, nenhum estudo ou condições para a sua recomposição. Conforme José Luiz Mota Menezes (1985), *“(…) as obras acima descritas foram executadas em um longo período de tempo, desde 1945 até 1980, com interrupções as mais variadas e dependentes de recursos para tais fins destinados (...)”*.

As intervenções de restauração e conservação realizadas no Convento Franciscano de Olinda, mesmo sendo de consideráveis proporções, não contribuíram diretamente para a elaboração ou um aprofundamento sobre a história do edifício. Sentimos a ausência das prospecções arqueológicas que deveriam ter sido realizadas em suas paredes, as quais nos forneceria dados preciosos no que diz respeito aos materiais

e técnicas empregadas em sua construção. Nesse sentido, é o que esperamos realizar a partir desse ano de 2017.

1.1.1. Análise arqueométricas no material construtivo

Partindo da necessidade de apreciação mais detalhada do perfil construtivo do Convento de São Francisco de Olinda foram realizados dois tipos de análise neste trabalho; a primeira análise visa estabelecer a cronologia da edificação histórica através da técnica de datação radiocarbônica usando aceleradores, para isto foi coletada uma amostra de argamassa da parede do prédio histórico (C^{14} por AMS). O segundo tipo de análise foi realizado visando a caracterização mineralógica dos tijolos, argamassa e reboco usando a técnica de difração de raios-X (DRX), a qual permitirá observar os diferentes minerais que compõem as amostras.

Para determinar a cronologia foi utilizado o método de datação por radiocarbono, o qual foi desenvolvido na década de 1940, por uma equipe de pesquisadores liderada por Willard F. Libby que calculou a taxa de decaimento do isótopo radioativo C^{14} em amostras de pó de carbon negro, eles também explicaram o comportamento deste isótopo na natureza e seu possível uso na datação; como teste, Libby e colaboradores, coletaram amostras de madeira de dois faraós egípcios e as dataram; o valor obtido foi de 2800 BC \pm 250 anos, enquanto as datações anteriores (principalmente os registros de dendrocronologia) eram 2625 \pm 75 anos. Cientistas logo descobriram o porquê dessas diferenças e desenvolveram métodos mais precisos, incluindo uma data de calibração para 1950. Willard Libby receberia um Prêmio Nobel de Química em 1960.

O próximo grande passo no método de datação por radiocarbono seria a Espectrometria de Massa Acelerada (AMS), que foi desenvolvida no final da década de 1980 e publicou seus primeiros resultados em 1994. Este foi um salto gigantesco na medida em que ofereceu datas muito mais precisas para amostras muito menores. No AMS é contabilizada a quantidade de átomos de C^{14} na amostra ao invés de esperar que o isótopo decaia; Isso também significa leituras com maior precisão para datas mais antigas e a possibilidade de datação de amostras como argamassas as quais não poderiam ser datadas pelo método convencional.

A calibração dos resultados deste tipo de datação deve ser realizada por vários motivos, entre eles a:

Incorporação diferencial do C^{14} pelas plantas: Um dos princípios do método de datação pelo radiocarbono é que os vegetais assimilam os diferentes isótopos do carbono nas mesmas proporções, este não é sempre o caso. Isto varia de acordo com taxas do ciclo fotossintético de cada espécie.

Variações do teor de C^{14} na atmosfera: Um outro princípio deste método é a premissa de que o teor de C^{14} na atmosfera tenha se mantido constante ao longo do tempo. No entanto, flutuações foram detectadas. Elas são devidas a fatores como a variação da taxa de produção do radiocarbono na atmosfera, a variação na taxa de troca do radiocarbono entre os diversos reservatórios geoquímicos e a variação da quantidade total de CO_2 na atmosfera, biosfera e hidrosfera.

O efeito reservatório: Efeito reservatório e o efeito de envelhecimento aparente das datas radiocarbono, frequentes na datação de organismos marinhos vindos de águas profundas que podem ficar centenas de anos sem ter contato com a atmosfera. Durante este tempo, a quantidade de C^{14} diminui.

O uso deste método de datação aplicado ao material construtivo argamassa já foi registrado, Marzaioli (2014) e colaboradores mostraram a datação por C^{14} usando AMS em diferentes sítios arqueológicos como San Julian e a Basilisa di Aistra, Santa Maria di Zornotzegi e o Cemetery Complex da Ponte della Lama. Neste trabalho é detalhado o procedimento do tratamento das amostras assim como os cuidados que devem ser considerados. Os resultados consolidam a técnica como uma nova forma de realizar a datação de prédios históricos.

Lindroos e colaboradores (2007) mostram que argamassas não hidráulicas contêm carbonato aglutinante datável, com relação direta ao tempo em que foi usado em um prédio, mas também contêm contaminantes que perturbam as tentativas de datação por radiocarbono. Os contaminantes mais relevantes têm origem e idade geológica ou podem estar relacionados à formação tardia de carbonato ou desvitrificação e recristalização da argamassa. Os modelos aqui estudados nos ajudam a interpretar os perfis etários dos C^{14} . O método de datação foi implementado em argamassas medievais e jovens de igrejas no Arquipélago de Åland, entre a Finlândia e a Suécia. Os resultados são usados para desenvolver o método para um uso mais geral e internacional.

Neste trabalho foi realizada a datação usando o método de C^{14} usando aceleradores numa amostra de argamassa, em que partimos de duas possibilidades que a cal da argamassa foi criada pelo aquecimento de rocha calcária acima de $900^{\circ}C$ liberando o dióxido de carbono e restando o óxido de cálcio, e a outra alternativa é a produção da cal a partir de conchas trituradas e levadas a altas temperaturas processo já relatado por Cybele (Cybèle Santiago, 2012), o resultado desta datação é mostrado a seguir (Tabela 1):

Tabela 1
Resultado

Código	Tipo de amostra	Idade calibrada
ARG001	Argamassa 	(95.4%) 1160 - 1310 cal AD

Fonte: Henry Lavalle

Por outro lado, a difração de raios-X, foi a técnica selecionada para a caracterização mineralógica das amostras de tijolo, argamassas e reboco, tratasse de uma técnica barata e confiável e tem sido utilizada frequentemente na identificação de fases

por Portugal eram compostas de profissionais que vinham desenvolver os seus ofícios nas primeiras vilas erigidas, tais como marinheiros de armas, carpinteiros, mestres – de obras, caieiros, entre outros. Estes últimos seriam os responsáveis pela produção das argamassas, conforme as técnicas utilizadas em Portugal, como o uso da cal obtida a partir de rochas calcárias. Em 27 de abril de 1542, dirige-se o donatário Duarte Coelho a El-rei D. João III sobre diversos negócios da Capitania. Em carta, como cita Pereira da Costa (1983): *“Abandonada no engenho a indústria do açúcar pelo do fabrico da cal, menos trabalhosa e de mais compensadoras vantagens, e para o que dispunha a propriedade dos necessários elementos, abundantes jazidas de excelente pedra calcária, fartura d’água potável e extensas florestas para o fornecimento da lenha necessária aos fornos de calcinação, foi assim estabelecida uma grande caieira, vindo daí a denominação de Forno de Cal dada à propriedade... Em 1875, foi a localidade visitada, em explorações científicas por uma comissão geológica, de incumbência oficial, de que era chefe o competente profissional Ch. Fred. Hartt, que em ofício dirigido ao governo imperial em 16 de setembro daquele ano, diz que no lugar denominado Forno da Cal, situado a pouca distância a oeste de Olinda, encontrara um calcário branco e compacto, com uma porção estratigráficamente inferior às camadas de Olinda, e onde colecionara alguns fósseis, principalmente gasterópodes e dentes de tubarão; vendo-se assim, que sendo os gasterópodes moluscos de água salgada, e o tubarão (*Squaluscarcharias*, Linneo), grande peixe da mesma água, que o mar em épocas remotas chegava até aquela localidade, que apenas dista do litoral quatro quilômetros (...)*”.

Hoje, daquele antigo Engenho de produção de açúcar transformado, depois, em caieiras, resta apenas uma imensa área de terra que mantém e preserva a denominação de Forno de Cal.

Diante de inúmeros das prospecções arqueológicas realizadas, nas quais, foram feitas coletas de amostras de reboco, argamassa e tijolo para realizar estudos de caracterização mineralógica e datação por C^{14} , o qual nos revelou os materiais e as técnicas construtivas empregadas, sendo a capela-mor escolhida, indubitavelmente, por razões históricas e tectônicas, já referidas no desenvolvimento do texto acima. As argamassas ditas antigas, em sua grande maioria, apresentam uma composição de argila mais a cal, como aglomerantes, mais água, largamente utilizadas nas mais diversas construções no Brasil colonial, até o século XIX. As paredes em que fizemos as intervenções no Convento de São Francisco, de Olinda, apresentam uma espessura de mais de sessenta (60 cm) centímetros de espessura e são constituídas de alvenaria mista, ou seja, tijolos de barro e pedra calcária.

Os resultados reportados das amostras estão credenciados nos padrões ISSO/IEC 17025: 2005. Todo o trabalho foi realizado no Laboratório Beta Analytic e no ITEP. As idades convencionais de radiocarbono foram calculadas utilizando a meia vida encontrada por Libby (5.568 anos) e foram corrigidas para os efeitos de fracionamento total e, quando aplicável, a calibração foi realizada utilizando bancos de dados de calibração 2013.

Depois de alguns meses de análise no referido Laboratório, o resultado obtido nos revelou uma datação de 1220 ± 30 BP, o que pode estar associado com a presença de moluscos bivalves na composição das argamassas de assentamento das paredes das

capelas, o que sugere uma cal biológica proveniente da calcinação destas conchas, localizadas em áreas costeiras, próximas, certamente, à cidade de Olinda. É possível que tal análise não nos forneça resultados absolutamente exatos, ou àqueles desejados (em que década, por exemplo, se deu a construção da igreja de D. Maria da Rosa – 1560 ou 1570), mas nos permite discutir ou avaliar a composição da argamassa utilizada, embora se leve em consideração a maneira pouco desenvolvida ou imperfeita no preparo das argamassas antigas.

Já os resultados das análises de amostras de argamassa, reboco e tijolo usando a difração de raios X, mostraram as matérias primas cristalinas remanescentes em cada uma das amostras analisadas: ao analisar o difratograma da amostra de argamassa usando o software match para a indexação dos picos das fases cristalinas encontramos a presença dos minerais quartzo e calcita nas porcentagens de 43 e 57%, respectivamente. Já ao analisar o difratograma da amostra de reboco e realizarmos o processo de indexação foi observado novamente a presença dos minerais quartzo e calcita nas porcentagens de 62 e 37%, respectivamente. A diferença nas concentrações dos minerais quartzo e feldspato nos dá indícios para levantar a hipótese que a aplicação do reboco tenha sido feita em momentos diferentes, por outro lado, a maior concentração de Calcita, quando comparado ambas as amostras, reforça a hipótese levantada pelos dados da datação da presença de moluscos bivalves na composição das argamassas de assentamento das paredes das capelas o qual justificaria a maior concentração de calcita (92%) nesta amostras.

Na análise de difração de raios X do tijolo foi possível observar um único mineral remanescente, o quartzo, pouco ou quase nada dos argilominerais, empregados como matéria prima na fabricação do tijolo. Foi observado, levando a pensar que estes tijolos foram aquecidos a temperaturas muito altas os quais devem ter amorfizado as estruturas cristalinas dos outros minerais contidos na matéria prima original dos tijolos.

Este tipo de caracterização mineralógica tornasse muito importante já que poderá trazer algumas informações do perfil técnico de como foram elaboradas as argamassas e tijolos nesta época. A realização deste mesmo tipo de análises em outras estruturas arquitetônicas históricas poderão nos permitir traçar o perfil tecnológicos e suas prováveis mudanças deles no tempo.

Desta forma, com os resultados obtidos, uma vez conhecida grande parte da literalidade histórica do Convento, pretendemos, através da ciência e dos métodos científicos empregados, contribuir e ampliar o conhecimento histórico-cultural-tectônico deste monumento, ao longo de todos esses anos.

Referências

- Bazin, G. (1983). *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil* (Vol. 2). Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Cybèle, C. S. (2012). O restauro de Argamassa de Cal no Brasil. *Construindo* 4(1), 67-79. Recuperado de: <http://fumec.br/revistas/construindo/article/view/1696/1169>

- Galvão, T. L. C. (2009). A Irmandade e Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda e a Restauração. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, (62), 57-84.
- Jaboatão, A. de S. M. (1858). Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Crônica dos Frades Menores do Brasil. *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1).
- Lindroos, A., Heinemeier, J., Ringbom, Å., Braskén, M., & Sveinbjörnsdóttir, Á. (2007). Mortar Dating Using AMS 14C and Sequential Dissolution: Examples from Medieval. Non-Hydraulic Lime Mortars from the Åland Islands, SW Finland. *Radiocarbon*, 49(1), 47-67. Recuperado de: <https://journals.uair.arizona.edu/index.php/radiocarbon/article/view/2899/2662>
- Marzaioli, F., Lubritto, C., Nonni, S., Passariello, I., Capano, M., Ottaviano, L., & Terrasi, F. (2014). Characterisation of a new protocol for mortar dating: 14C evidences. *Open Journal of Archaeometry* 2(5264), 55-59. Recuperado de: https://www.researchgate.net/publication/273298845_Characterisation_of_a_new_protocol_for_mortar_dating_14C_evidences
- Menezes, J. L. M. (1985). *Sé de Olinda*. Recife, Brasil: Fundarpe.
- Pereira da Costa, F. A. (1983). *Anais Pernambucanos* (Vol. 1). Recife, Brasil: Fundarpe.
- Simões, J. M. dos S. (1965). *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbekian.
- Silva, L. D. (2008). *Pernambuco Preservado: histórico dos bens tombados no Estado de Pernambuco* (2º ed.). Recife, Brasil: Autor.
- Spoto, D. (2003). *Francisco de Assis – O Santo Relutante*. Rio de Janeiro, Brasil: Objetiva.
- Willeke, O.F.M. F. V. (1977). *Franciscanos na História do Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes.